



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ
Centro de Ciências Humanas

Revista Homem, Espaço e Tempo Março/2010 ISSN 1982-3800

A PAISAGEM NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA

Prof. Dr. José Falcão Sobrinho

Universidade Estadual Vale do Acaraú/UVA. Sobral, Brasil

falcao.sobral@gmail.com

falcaosobral@hotmail.com

Resumo:

O presente ensaio visa enfatizar a paisagem enquanto categoria de análise na ciência geográfica. Destaca os trabalhos de Sauer (1925) e Bertrand (1968). Estabelece, ainda, uma proposta metodológica que contemple a paisagem como categoria que envolva as discussões voltadas a natureza e a sociedade, a partir das atividades antropogênicas (cultura) e do relevo, enquanto elemento de abstração.

Palavras-chave: Paisagem, Sociedade e Natureza, Cultura

Summary:

The present assay aims at to emphasize the landscape while category of analysis in geographic science. It detaches the works of Sauer (1925) and Bertrand (1968). It establishes, still, a proposal metodológica that the landscape contemplates as category that involves the directed quarrels the nature and the society, from the antropogênicas activities (culture) and of the relief, while abstraction element.

Words key: Landscape, Society and Nature, Culture

INTRODUÇÃO

Pretendo trabalhar, neste ensaio, com a evolução da categoria paisagem, na perspectiva de se construir um caminho metodológico que contemple os estudos integrados da natureza e da sociedade.



É oportuno dizer que, por mais que pareça, não vamos traçar aqui uma ordem cronológica voltada à compreensão da categoria paisagem. Alencaremos, sim, vários autores que de maneira propícia a seu interesse, deram ênfase ao referido tema. Em um segundo momento, traçaremos de forma mais analítica, os autores que nos fornecerem um suporte teórico pautado na relação da sociedade com a natureza, tendo a paisagem como categoria de análise, são eles Sauer (1925) e Bertrand (1968). E, por fim, propusemos uma reflexão teórica/metodológica em nosso entendimento da paisagem.

2. O PRIMEIRO PASSO: O PERCORRER DA PAISAGEM NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA

Na oportunidade, serão trabalhados diversos autores, como os citados anteriormente, não estabelecendo, uma ordem cronológica, e sim, traçando um conjunto de idéias que contemple a categoria paisagem nas diversas abordagens na Geografia e ramos de outras ciências, como no caso da Ecologia. Desta forma, a paisagem será analisada nos contextos: do descritivo, Teoria Geral dos Sistemas, Ecossistemas e da Geoecológica das Paisagens. Em uma perspectiva mais relacionada com a sociedade, a categoria paisagem será abordada a partir da percepção do indivíduo.

A noção de paisagem, na Geografia Tradicional, era tida como algo descritivo e narrativo, dotada de um forte conteúdo empírico, por isso esquecida na Nova Geografia, onde as análises críticas se fazem presentes. Falar de paisagem é recorrer ao passado na ciência geográfica. Tal tarefa se torna árdua, simplesmente pela maciça expressão ou taxação que se faz dos trabalhos voltados à Geografia Física, em considerá-los a serviço da classe



burguesa. Tal concepção é bastante visível a uma parte de profissionais que seguem a chamada Geografia Crítica.

No entanto, o enfoque dado à natureza e as questões voltadas ao estudo da paisagem, evidenciam, desde logo, as contribuições que estudiosos como Humbolt, Passarge e De Martonne, dentre outros, deram à ciência Geográfica. Vale ressaltar o forte teor empírico dado pelos autores, fruto, talvez, da inexistência na época de recursos técnicos hoje existentes. Destacam-se, ainda, as inúmeras informações sobre o acervo bibliográfico deixado para as gerações futuras.

A paisagem como categoria norteadora aos estudos dos geógrafos, sejam os mais antigos ou mais recentes, vem passando por várias compressões e definições dado ao tratamento metodológico que esteja em emergência.

A noção da categoria paisagem, no âmbito da Ciência Geográfica, tem origem na geografia alemã, com o conceito de *landschaft*, atrelada a uma compreensão de natureza. Tal colocação justifica-se pelo entendimento do forte naturalismo empregado nos estudos da escola alemã. A partir de então, o emprego da categoria paisagem vem sendo alvo de discussões nos estudos voltados, principalmente, a natureza.

A aplicação da categoria paisagem, quando na sistematização e evolução do conhecimento da geografia, era associado, por sinonímia, a natureza. Para Rougerie e Beroutchachvlili (1991), a paisagem surge como elo integrador que busca mostrar a distribuição espacial e as relações existentes entre os elementos que compõem o quadro natural, objetivando descrever e, por vezes, explicar a harmonia da natureza utilizando-se de métodos comparativos e explicativos. Surgiu, assim, o conceito de Paisagem Natural.



Na evolução do conhecimento sobre paisagem, diversos conceitos surgiram. Decorrentes das correntes metodológicas abordadas, umas deram ênfase aos aspectos naturais e outras aos aspectos humanos, surgindo assim o conceito de paisagem natural e paisagem cultural. Esta visão foi originada pela própria dicotomia nos estudos da geografia em especial nas Escolas Determinista e Possibilista. Vale lembrar que, para tal colocação, pode-se direcionar o entendimento de primeira e segunda natureza, sendo a primeira natureza aquela não tocada ou modificada pelo homem e a segunda natureza tendo tido influencia da ação humana. Vale lembrar que os estudos específicos surgiram na Escola Possibilista, dando ênfase a cada elemento da paisagem.

Cruz (1985) afirma que mesmo com o desenvolvimento e especialização das disciplinas e ciências agrupadas à Geografia Física, não foi impedido que a mesma fosse enfocada como unidade de paisagem. Tal colocação refere-se ao surgimento dos ramos específicos da Geografia Física surgidos na Escola Possibilista.

Com a inserção da Teoria Geral dos Sistemas, o tratamento dado natureza levou em consideração a interação dos elementos ou a associação dos mesmos. Desta forma, a categoria paisagem teve uma abordagem diferenciada. Nos trabalhos de geomorfologia, foi logo evidenciada esta diferença. A aplicabilidade de tal conhecimento inseriu-se na Geografia Física inicialmente, na Geomorfologia, pelos trabalhos de Arthur Strahler (1950). A abordagem sistêmica propiciou aos estudos de Geografia Física uma substituição da morfologia da paisagem por uma tipologia de padrões espaciais (MENDONÇA, 1991).

Com a aplicabilidade da análise sistêmica, a representação da Paisagem Natural passa a ser percebida como algo delimitado, com padrões e



atributos para cada elemento. A natureza começa então a ser humanizada, seja através de amostragens ou pela quantificação ou até mesmo pela noção de causa e efeito de cada elemento componente no sistema. Afinal, quando começa ou termina um sistema? Evidencia-se pela homogeneização de seus elementos?

Verdade é que o método sistêmico ganha força na Geografia Física com o surgimento na Ecologia da noção de ecossistema, que propícia à abertura de espaços para o desenvolvimento de análise sistêmica em outros ramos da ciência. A noção do ecossistema está voltada para os elementos vivos de espécies, relacionando-se com o seu meio natural, ou seja, é formado por elementos bióticos e abióticos. Na Ecologia, desenvolveu-se, ainda, a expressão paisagem ecológica introduzida por Carl Troll, em 1939, cujo trabalho ecológico divide-se em duas abordagens: uma voltada aos biólogos e outra ao estágio ecológico e outras ciências, tratando dos aspectos do meio como o solo, clima, hidrologia, geomorfologia, no âmbito da Geografia Física (CRUZ, 1985).

Vale salientar que o emprego da expressão paisagem para Troll tem um forte teor voltado às formações vegetais, bem como, algo explicativo ou demonstrativo, a partir da aparência.

Kling (1974) tem uma abordagem ecológica, dando continuidade a linha de geocologia da paisagem de Troll, numa perspectiva ecológica. Estabelece a noção de geocomplexo (abrangendo o microclima e macroclima) fundamental para a pesquisa geocológica.

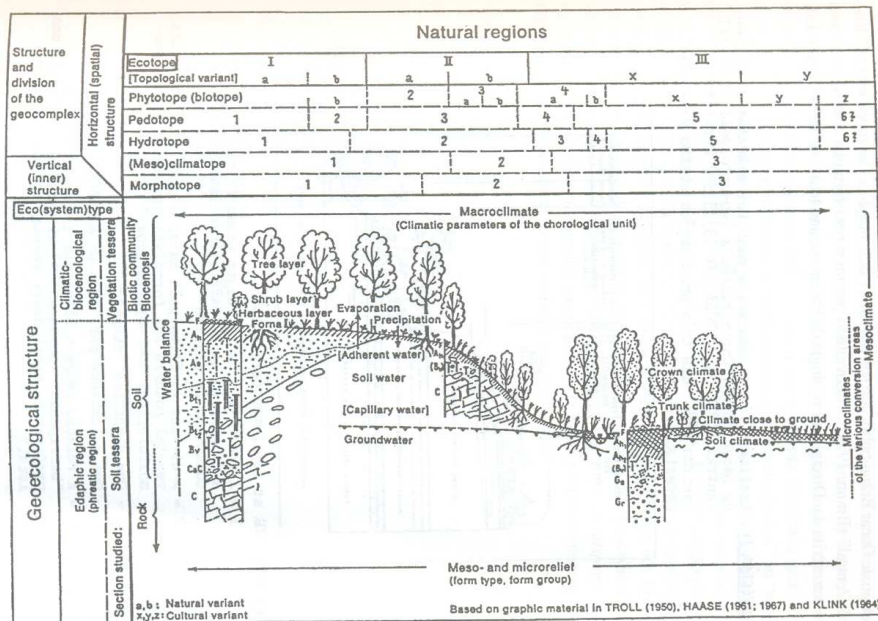


Figura 1: Representação da paisagem. Kling (1974)

Por essa abordagem ecológica, o autor estabelece o ecótopo como sendo fundamental para a concepção ecológica inserindo ainda a biocenose.

Analisando a pesquisa geoecológica, Kling (1974) estabelece que a mesma deve ter uma investigação da área de forma detalhada o que demonstra de geocomplexo, que teria os seguintes fatores a serem analisados: relevo, substrato geológico, balanço hídrico, clima, vegetação e fauna. Nessa orientação, percebe-se a visão funcional da natureza, ou, dito de outra forma, setorizada.

Vale ressaltar que, conforme gráfico acima, o relevo é expresso como suporte para os demais elementos do geocomplexo.

Em uma abordagem comparativa entre o ecossistema e a paisagem, Delpoux (1974) estabelece três situações para a identificação de uma paisagem:

A primeira paisagem:



Paisagem material e energeticamente equilibrada, na qual, no interior de seus limites os fenômenos de transferência são cíclicos, pelo menos, para a matéria. (p.19)

A segunda paisagem seria as exportadoras de energia:

A um momento dado, na sucessão natural ou nas sucessões reconstituídas pelo homem (culturas). Este, retira matéria orgânica, seja vegetal (cereais frutas, legumes...) seja animal (animais de criação, peixe, caça...) e geralmente utiliza alhures essas substâncias. A parte, maior ou menor, de energia inicialmente captada nos limites da paisagem é exportada. (p.19)

E a paisagem importada de energia:

Os produtores de matéria orgânica com valor energético são existem ou são insuficientes. A comunidade viva se perpetua graças os fornecimentos exteriores. São, de um modo geral as paisagens urbanas e as comunidades humanas. (p. 19).

Tricart (1981), procurando relacionar a geomorfologia com a análise sistêmica, ressalta que a paisagem reflete o funcionamento do ecossistema.

Assinalando diferentes perspectivas, outros autores procuraram definir o estudo da paisagem de uma forma compartimentada, ou seja, em unidades. Hartshorne (1969) considera que muitos estudiosos num só conceito confundem o que realmente constitui-se em três: (a) paisagem primavera, isto é, a paisagem natural de origem, antes da intervenção do homem; (b) paisagem silvestre, a qual foi alterada pelo homem, embora não controlada pelo mesmo; e



(c) a atual paisagem natural, conceito teórico, não representado, na atualidade, em qualquer área povoada.

Ribeiro (1974) tratou da paisagem natural em três níveis de abordagem: (a) paisagem natural, a qual o homem não intervém pôr razões de dificuldades de acesso, climas rigorosos, etc; (b) paisagens modificadas, na qual o homem intervém consumindo a fauna, flora e seus recursos naturais e a (c) paisagem explorada de forma adequada. No entanto, a compreensão da paisagem natural de Ribeiro fica, certamente, no âmbito teórico, pois como existir um lugar em que o homem, através de suas ações, não tenha ocasionado mudanças no meio.

De acordo com Rougerie (1971), a compreensão da diversidade das paisagens vegetais foram objetos de classificação baseada nas formações, nas associações, nas séries evolutivas e nos grupos ecológicos. Cada uma delas apresenta uma resposta a uma preocupação diferente, entre as quais o confronto das associações ou das formações com os dados do ambiente para os grupos ecológicos.

Abordando ainda o conhecimento das paisagens naturais, em trabalho específico para a compreensão do relevo, Ross (1991) considera que para conhecer os diversos tipos e formas de relevo, deve haver a compreensão da paisagem, como um todo, faz-se necessário o entendimento das unidades de paisagem (geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação, clima e hidrografia e a interação das mesmas).

Tratando das formações fisiográficas e biológicas, Ab'Saber (1977) afirma que para os estudiosos da ciência da natureza, paisagem é algo herdado de processos fisiográficos e biológicos, e também, patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas



comunidades. Ressalta o autor que a paisagem, retrata o passado e o presente, já que tem sempre o caráter de herança de processos de atuação antiga, remodeladas e modificadas por processos de atuação recente.

O que melhor traduz o entendimento sobre a paisagem para Ab'Saber (1969), ficou expresso na obra "Um Conceito de Geomorfologia a Serviço do Quaternário", de 1969, quando nos três níveis de detalhamento para o estudo da geomorfologia coloca: o primeiro nível seria a compartimentação topográfica regional; o segundo nível a análise da estrutura superficial da paisagem e por, fim, o terceiro nível relacionando-se a fisionomia da paisagem, a qual envolveria os processos morfoclimáticos e pedogenéticos, somados a atuação do homem. Apesar das simplicidades das colocações, efetuadas em poucas linhas, o referido trabalho substanciou os estudiosos voltados aos estudos da geomorfologia como mais um elemento da paisagem.

No decorrer da evolução da paisagem natural, houve uma evolução do termo paisagem cultural, no qual os aspectos, fruto da intervenção humana, constituíram-se dos valores culturais e sociais, surgindo com isso a Geografia Cultural (SILVA, 1988). Nesta perspectiva, o homem é tratado como agente modificador da paisagem, através da construção do concreto; cidades, cemitérios, propriedades rurais etc. Neste sentido, a paisagem cultural seria representada pelos aspectos materiais na ótica que a sociedade dá ao mesmo.

Silva (1988), coloca ainda, que há ação humana sobre a paisagem natural quando ela se adequa ao meio cultural, definindo um caráter homogêneo, e quando a transformação não é adequada às condições naturais, falar-se-ia em paisagens culturais heterogêneas.

Ainda, segundo o autor, ao tratar da totalidade do espaço geográfico, concebe-o não somente relativo ao espaço natural, mas o enfoca, também, nos



seus aspectos culturais, a saber, a chamada paisagem cultural, considerando que a mesma se apresenta homogênea ou heterogênea, resultante de uma desigual combinação de fatores humanos, econômicos, sociais, políticos e culturais.

Aliada ao desenvolvimento dos conceitos das paisagens naturais e paisagens culturais, desenvolve-se também a noção da percepção.

Para Christofolletti (1983) deve-se fazer uma distinção de paisagens e lugares. Os lugares existem em si, possuem nomes, e as paisagens são atribuídas à percepção que se tem dos lugares, mesmo que sejam semelhantes. Desta forma embora não haja duas paisagens iguais, existem muitas semelhanças que possibilitam classificar paisagens em categorias: paisagem de montanhas, planícies litorâneas.

Na busca da compreensão do termo paisagem, aliada à percepção da mesma Rougerie e Beroutchachvlili (1991) afirmam que paisagem e natureza não devem ser confundidas. A segunda existe em si, ao passo que a paisagem se concebe apenas em relação ao homem, segundo a medida e a maneira pela qual ela é percebida.

Meing (1977), citado por Christofolletti (1983), aborda uma outra situação que merece ser destacada. Afirma que a paisagem não deve ser confundida com natureza, já que não são idênticas. Diz que toda paisagem é uma cena, mas não é idêntica com relação ao cenário. Com isso, o autor nos envolve na discussão de que a paisagem perpassa a noção de natureza e traz, para a discussão, a influência do homem no cenário representativo da paisagem.

Christofolletti (1983), ao citar Clozier (1950), enfatiza a percepção do indivíduo quando afirma que geógrafo é aquele que se coloca diante de uma paisagem, cujos traços evocadores se impõem a seus olhos, dando primazia ao que se tem de objetivo.



Nesta perspectiva, segundo Moraes (1985), a Geografia é definida como o estudo da paisagem em uma de suas vertentes. Baseia sua investigação na observação e contemplação do horizonte observado pela visão do investigador, dito de outra maneira, pela percepção que o observador tem da paisagem.

Percebendo paisagem como categoria de análise, Santos (1994) considera que a mesma é constituída de tudo aquilo que se vê, ou melhor, o que a visão alcança, definindo como o domínio do visível, formada não apenas por volumes, mas também de cores, movimentos etc. Neste sentido, a paisagem é dinâmica.

Tratando da formação do espaço geográfico em sua totalidade, Silva (1988) considera a paisagem natural resultante de uma desigual combinação dos fatores físicos, ou seja, geológicos, pedológicos, geomorfológicos, climáticos, hidrológicos e os bióticos. Esta interação faz-se através de leis da Física, Química e Biologia, provocando a diferença de atuação e do comportamento de cada elemento, propiciando, unidades homogêneas. Dessa homogeneidade resulta um equilíbrio ecológico natural que é o resultado da história natural da Terra.

Para Jardí (1990), a paisagem vai além da percepção. É algo mais que uma simples imagem que podemos observar do que um lugar apresenta, como um valor natural armazenado. Essa preocupação justifica-se segundo Bertrand (1968), posto que, “estudar paisagem é antes de tudo apresentar um problema de método” (p. 2).

3. O SEGUNDO PASSO: O ARCABOUÇO TEÓRICO E METODOLÓGICO DESEJADO



Optou-se, nesse momento por autores que se percebem a paisagem de forma integradora dos aspectos naturais e sociais; dinâmica, enquanto sendo constantemente renovada; herdada, enquanto fruto de um processo histórico e, influenciadora, como agente motivador na tomada de decisões. Desta forma os trabalhos de Sauer (1925), Bertrand (1968), com temas heterogêneos: teóricos, metodológicos, interpretativos e taxonômicos, contribuíram para a construção de nosso referencial. Vale destacar que, os autores acima mencionados apresentam outros trabalhos de natureza ora mais teórica ou, em outro momento, aplicada, Desta forma, adotou-se como referência, os trabalhos que contemplam uma sequência lógica para estabelecer o raciocínio que se procura demonstrar.

3.1 A paisagem em Sauer

Esta seção será reservada a uma análise da obra de Sauer, referente à publicação *Morfologia da Paisagem*, datada de 1925.

Sauer, em sua obra acima citada, foi um dos primeiros geógrafos a tratar a Geografia de maneira integrada, privilegiando, ao mesmo tempo, os fatores naturais e sociais, inserindo a compreensão da categoria paisagem como elo integrador desses fatores.

Sua visão, muito provavelmente, justifica-se em função de sua formação e experiência profissional. De acordo com Corrêa (1989), Sauer teve sua formação na Alemanha, e fez pós-graduação em Chicago, em Geografia Física e Geografia Humana, e mais em Ecologia Vegetal. O título de Doutor foi obtido com um trabalho em nível regional. Vale salientar que, nesse período, a Geografia Norte Americana era dotada de um forte determinismo ambiental. Associado a sua formação diversificada nas diversas áreas, está um trabalho



de grande expressão sobre o mapeamento e levantamento da qualidade dos solos do Estado de Michigan. Todos esses ingredientes contribuíram para a formação de Sauer, que, logo ingressou na atividade acadêmica.

Em seu trabalho *Morfologia da Paisagem*, Sauer revela toda essa heterogeneidade em sua formação, o autor demonstra seu lado crítico ao encaminhamento metodológico até então existente na Geografia.

Salienta o autor que o rótulo da geografia não é uma indicação confiável em relação ao conteúdo, já que existe uma discordância em relação ao seu objeto de estudo, através de definições repetidas, procura uma base comum sobre a qual uma posição geral possa ser estabelecida.

Buscando novos tratamentos metodológicos para propor uma base que contemple o sentido do lugar, Sauer menciona o histórico da Ciência Geográfica, em termos de corologia. Começa com as sagas e os mitos antigos, lembrados em relação ao sentido de lugar e à luta do homem contra a natureza. Retrata, ainda que, o conhecimento geográfico é encontrado no mapa, um símbolo imemorial.

Neste sentido, Sauer insere a visão fenomenológica no contexto da Geografia. Afirma que toda a ciência pode ser considerada fenomenológica. Quando se refere à ciência salienta que a mesma deve ser direcionada ao processo organizado de aquisição de conhecimento em lugar do significado restrito e corrente de um corpo unificado de leis físicas.

Esclarece o autor que:

Todo o campo do conhecimento é caracterizado pela sua preocupação explícita com um certo grupo de fenômenos que ele se dedica a identificar e ordenar de acordo com suas relações. Esses fatos são agrupados com base no crescente



Suas observações ficam calcadas no campo de atuação da geografia, em seu conteúdo, por achá-lo disparado, com um campo abrangente para dominar sem fazer conexão.

Para o autor, a Geografia é concebida como o estabelecimento de um sistema crítico que envolve a fenomenologia da paisagem, de modo a captar, em todo o seu significado, os aspectos naturais e do homem. Para respaldar seu pensamento, Sauer cita Vidal de La Blache quando considera a terra como a cena na qual a atividade do homem se desenvolve, sem perder de vista que essa cena é mesmo viva. Com o isso, o que se chama de cenário inclui os trabalhos do homem como uma expressão integral da cena.

Quanto ao conteúdo da geografia, Sauer destaca o estudo da superfície da Terra como meio dos processos físicos, ou a parte geofísica da ciência cosmológica; o estudo das formas de vida como sujeiras ao seu ambiente físico, ou uma parte da biofísica lidando com tropismo e o estudo da diferenciação de área ou corologia. Neste contexto, coloca Sauer que não existem relações entre esses três campos, sendo difícil colocá-los em uma mesma disciplina e sugere que no estudo da paisagem está à base para uma ordenação dos fenômenos de modo a tê-los relacionados.

Sugere Sauer que o campo da Ciência Geográfica deve ser inteiramente na paisagem, na base da realidade significativa da relação corológica. Esta visão é integradora já que, para ele, os fenômenos que compõem uma área não estão simplesmente reunidos, mas estão associados ou interdependentes. Acrescenta, ainda, que o estudo da paisagem deve considerar a ordem dos elementos que a compõe. Por existir uma conexão e



ordem dos fenômenos em área. Para o leigo não seria possível tal observação, uma vez que estudar a paisagem seria uma tarefa científica e, de acordo com a nossa posição, a única a qual a Geografia deveria devogar suas energias.

Com a dimensão do lugar e da paisagem, o autor procura dimensionar a essência da Geografia, buscando uma reflexão de sua origem, pautado na descrição e na vivência do campo. Valorizando os estudos já existentes, coloca que a moderna geografia é a expressão moderna da geografia mais antiga.

Para não ficar só nesta dimensão, o conteúdo da paisagem, segundo Sauer, seria algo mais que a natureza enquanto fenômeno descritivo, estático, e transcendesse o determinismo ambiental. Uma leitura crítica, antes da existência da Geografia Crítica.

Para Sauer a paisagem era vista como dinâmica:

A paisagem é considerada, portanto, em um certo sentido, como tendo uma qualidade orgânica. Podemos seguir Bluntschli ao dizer que não se entende completamente a natureza de uma área até que se “tenha aprendido a vê-la como uma unidade orgânica para compreender a terra e a vida em termos recíprocos. (SAUER, 1925. p. 23)

Dando ênfase ao lugar e aos trabalhos de campo, dotado de um forte teor empírico, Sauer demonstra a dinâmica e diversidade das paisagens naturais, argumentando que toda paisagem tem uma individualidade, bem como uma relação com outras paisagens e isso também é verdadeiro com relação às formas que compõem a paisagem. Compara o autor os diversos



ambientes: nenhum vale é exatamente igual a outro vale; nenhuma cidade é uma réplica exata de outra cidade.

Desta forma, o encaminhamento metodológico para cada lugar deve considerar a realidade local, pois na medida em que essas qualidades permanecem completamente não relacionadas, elas permanecem fora do alcance de tratamento sistematizado, além daquele conhecimento organizado a que chamamos ciência. Sauer faz uma crítica sobre a abordagem dada na ciência geográfica: "o geógrafo pode descrever a paisagem individual como um tipo ou provavelmente uma variante de um tipo, mas ele tem sempre em mente o genérico e procede por comparação" (p. 24).

Na visão do autor, em questão, a percepção da interação dos elementos constituintes no espaço, e, além disso, já utilizando o termo sistema, o qual não se contemplava nas discussões da ciência geográfica:

Uma apresentação ordenada das paisagens terrestre é uma tarefa formidável. Começando com uma diversidade infinita, características marcantes e relacionadas são selecionadas a fim de estabelecer o caráter da paisagem e localizá-la num sistema. (SAUER, 1925. p. 24).

Com sua visão ordenada do que seria o estudo da paisagem, Sauer enfatiza críticas sobre a falta de base metodológica do Geógrafo:

È certo que na seleção de características genéticas da paisagem o geógrafo é guiado semente pelo seu próprio julgamento de que elas são características, ou seja, repetitivas; que elas estão organizadas em um padrão, ou possuem qualidade estrutural, e que a paisagem precisamente pertence a um grupo específico na série geral da paisagem. Croce apresenta objeção à ciência da história baseado na idéia de



que a história não possui critério lógico "o critério é a própria escolha, condicionada, como toda arte econômica, pelo conhecimento da situação real. Esta seleção é sem dúvida conduzida com inteligência, mas não com a aplicação de um critério filosófico e só é justificada por ela mesma. Por essa razão nós falamos da sensibilidade ou instinto do homem educado". Uma objeção semelhante às vezes se faz necessária contra a competência científica da geografia, pois ela é incapaz de estabelecer controle completo, rígido e lógico e forçosamente se apoia na opção do pesquisador. (sauer, 1925. p. 25)

O excesso de escolha é outro ponto debatido pelo autor, quando salienta que o Geógrafo está exercendo continuamente a liberdade de escolha no que diz respeito aos elementos que ele inclui nas suas observações, daí suas conclusões conforme a sua percepção do objeto.

Sauer coloca a importância de se fazer uma Geografia pautada nos aspectos reais da observação, não apenas em seu caráter pessoal, o que nos parece deixar, nas entrelinhas, limitação que não se constitui em uma base científica. O pessoal do pesquisador não é o pessoal do indivíduo presente na área objeto da pesquisa e que vai participar ativamente na construção da paisagem que Sauer propõe.

Sobre a percepção que o observador deva ter, Sauer coloca:

"A descrição não é de uma cena individual mas um somatório de características gerais. Referências a outros tipos de paisagem são introduzidas por implicação. Relações de elementos da forma dentro da paisagem são também observados. Os aspectos selecionados são baseados no "conhecimento da situação real", e existe uma tentativa de se fazer uma questão de julgamento pessoal. Padrões objetivos podem ser substituídos por eles somente em parte, assim como pela representação quantitativa na forma de um mapa. Mesmo assim, o elemento pessoal só fica sob um controle



limitado, uma vez que ele ainda funciona na escolha dos atributos a serem representados. Tudo que pode ser esperado é a redução do elemento pessoal pela concordância com uma "forma predeterminada de pesquisa", o que será lógico". (SAUER, 1925. p. 27).

Fugindo ao determinismo ambiental e inserindo o homem no estudo da paisagem natural, Sauer assume a posição de tornar a Geografia numa visão antropocêntrica, enquanto elemento de interesse para o homem.

Argumenta o autor que a Geografia é distintamente antropocêntrica no sentido do valor ou do uso da terra para o homem. E o interesse do homem é voltado naquela parte da paisagem que nos diz respeito a seres humanos porque nós somos partes dela, vivemos com ela, somos limitados por ela e a modificamos.

Comenta que o homem tem a capacidade de selecionar aquelas qualidades da paisagem em particular que são ou possam ser úteis a nós. Abandonam aqueles aspectos da área que possam ser importantes para o geólogo na história da terra, mas que não tem qualquer importância na relação do homem com a área. As qualidades físicas da paisagem são aquelas que têm valor de habitat, presente ou potencial.

Nesta ótica, a inserção da ação humana vai ganhando terreno na organização das paisagens, sempre destacando que o alicerce da paisagem cultural esta na paisagem natural. A paisagem cultural seria justamente a inserção das atividades do homem agindo sobre as paisagens naturais.

Reafirma o autor que nós estamos primeiramente interessados em culturas que se desenvolvem com vigor original a partir do berço de uma paisagem natural, a qual cada um está ligado por toda a sua existência.



Já em 1925, quando os estudos da Ciência Geográfica eram tão ramificados, o autor coloca que a Geografia se baseava, na realidade, na união dos elementos físicos e culturais da paisagem. O conteúdo da paisagem é encontrado, portanto, nas qualidades físicas da área que são importantes para o homem e nas formas do seu uso da área, em fatos de base física e fatos da cultura humana.

Nesta perspectiva, Sauer sugere a quebra de barreiras ao determinismo ambiental através de uma organização sistemática do conteúdo da paisagem, iniciada com a recusa, a priori de teorias, a seu respeito. Propõe uma interação, agregando e ordenando dos fenômenos como formas que estão integradas em estruturas e o estudo comparativo dos dados. Dessa maneira organizados, constituem o método morfológico de síntese, um específico método empírico.

A metodologia para a compreensão das paisagens culturais foi baseada no estudo da morfologia, ou seja, a base da geomorfologia foi retrata no encaminhamento metodológico de Sauer, mesmo tendo ele feito crítica a este ramo de conhecimento da geografia. A compreensão do ciclo de Davis, o que era a tônica da geografia norte americana se fez presente, claro, obedecendo a um outro enfoque. Sauer, para o entendimento da morfologia postula:

- Existiria uma unidade de qualidade orgânica ou quase orgânica, ou seja, uma estrutura para a qual certos componentes são necessários, esses elementos componentes sendo chamados "formas" nesse estudo";
- A semelhança de forma em estruturas diferentes seria conhecida em função da equivalência funcional, as formas sendo então "homólogas"; e



- Os elementos estruturais poderiam ser dispostos em série, especialmente em sequência de desenvolvimento, indo de um estágio incipiente a um estágio final ou completo.

E insere a morfologia como uma abordagem metodológica para outras ciências, já que a mesma não seria metodologia apenas para as ciências biológicas, mas se expande, crescentemente, nas ciências sociais.

Em meio às discussões da geomorfologia, que vinha sendo o ramo da geografia com maior ascensão e que denominava no estudo da morfologia, Sauer fez as seguintes considerações:

Para Sauer, a apropriação da definição de morfologia foi erroneamente adotado para o estudo das formas de relevo, e acrescenta:

- O relevo é somente uma categoria da paisagem física e geralmente não é a mais importante, ele quase nunca fornece a base completa de uma forma cultural;
- Não existe necessariamente uma relação entre o modo de origem de uma forma de relevo e o seu significado funcional, o assunto com o qual a geografia está mais diretamente envolvida;
- Uma dificuldade inevitável com uma morfologia puramente genética das formas de relevo é que a maior parte das características reais do relevo terrestre é de origem muito complexa.

Sauer coloca em evidência o que tinha de mais importante sobre as pesquisas do relevo, o que na época tinha mais ascensão, refiro-me ao Ciclo de Erosão de Davis. Para Sauer esta representação era tida como a mais determinada tentativa de se opor à liberdade sem controle da escolha na observação através de observações e do método.



Dentro desse enfoque de sistematização ordenado do conhecimento, pautado nos estudos da natureza e do homem para a ordenação da paisagem, Sauer coloca o que seria a Morfologia da Paisagem Natural e a Morfologia da Paisagem Cultural. Para Sauer:

Esta posição com referência à paisagem natural envolve a reafirmação do lugar da geografia física, certamente não como fisiografia ou geomorfologia como ordinariamente são definidas, mas como morfologia física, que obtém livremente da geologia e da fisiografia certos resultados a serem inseridos em uma visão de paisagem física enquanto habitat complexo. Essa geografia física é a introdução própria à completa pesquisa corológica que é o nosso objetivo. (p. 50)

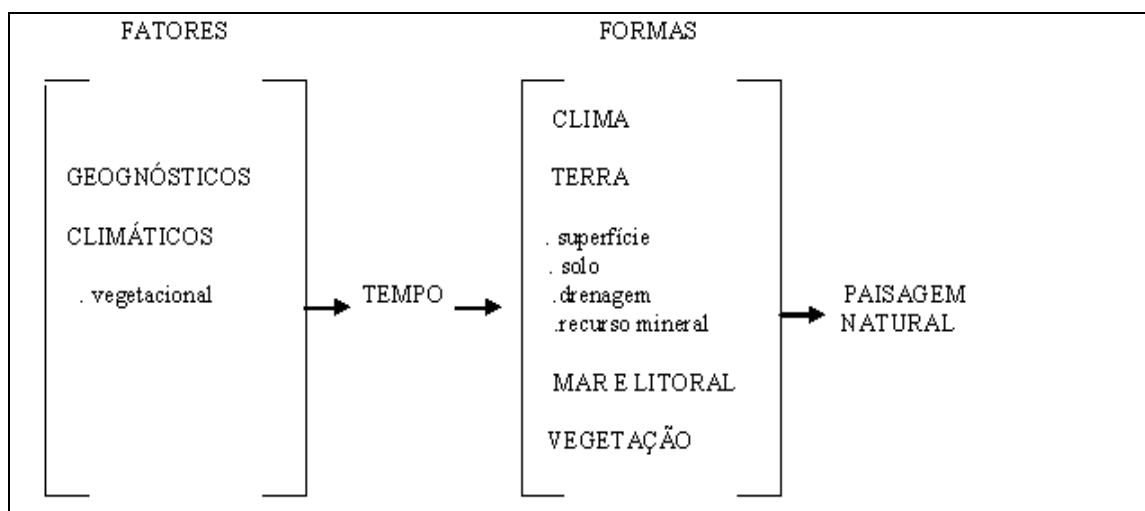


Figura 2: Representação da Morfologia da Paisagem Natural. Sauer, 1925.

Através dos diagramas, Sauer coloca que a paisagem cultural é a área Geográfica em seu último significado, resultante das modificações que se faz na natureza. O autor coloca que as formas são todas as obras do homem que caracterizam a paisagem. Evidencia que, em Geografia, não nos preocupamos com a energia, costumes ou crenças do homem, mas com as marcas do homem na paisagem.

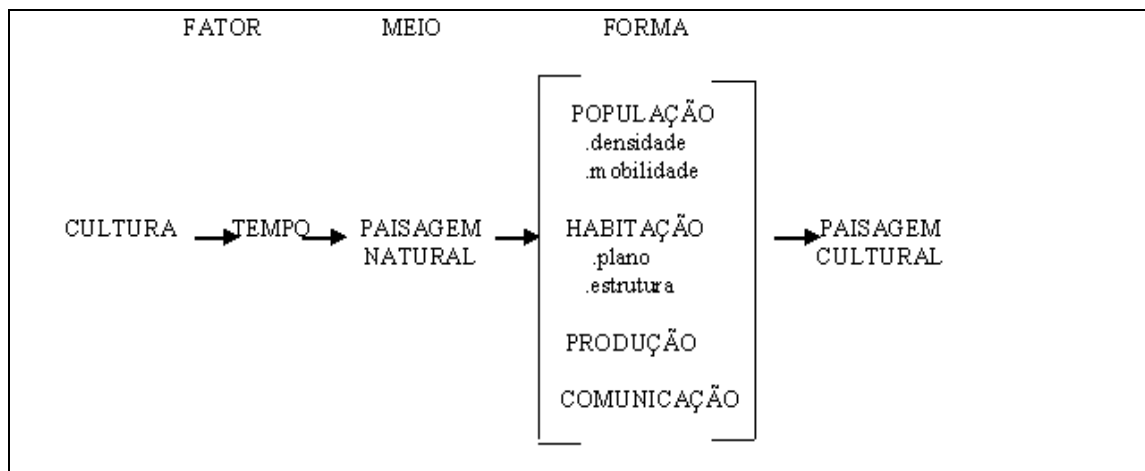


Figura 3: Representação da Morfologia da Paisagem Cultural. Sauer, 1925.

A fim de evidenciar a morfologia aplicada aos ramos da Geografia, conforme as figuras (3 e 4), Sauer coloca que a consolidação dos dois diagramas evidencia uma aproximação do conteúdo científico total da Geografia, tendo como base a fenomenologia.

3.2. A paisagem e o geossistema de Bertrand

No contexto da Ciência Geográfica, o estudo da paisagem percorreu caminhos distintos, ora privilegiando a natureza, ora a sociedade, tornando campo distinto de uma mesma ciência com dois objetos de estudo. Os fundamentos teóricos e bases metodológicas e a realização do trabalho geográfico constituíram a Geografia como uma ciência dualista, sendo a interpretação da paisagem colocada neste enfoque.

Dando ênfase à paisagem, interagindo os fatores naturais com as implicações antrópicas, ou melhor, humanizando a geografia da natureza e naturalizando a geografia da sociedade, Bertand (1968) coloca:



A paisagem não é uma simples adição de elementos geográficos disparatados. É, numa determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpetua evolução. (p.2).

Para o autor, a visão que deve se ter da paisagem não está apenas no aspecto da natureza, seja o clima, o relevo, a rocha, a vegetação e, sim no conjunto integrado do mesmo, aliado à ação do homem. Apesar da visão do autor fundamentar-se na análise sistêmica, o estudo é integrado em ramo da ciência geográfica. Argumenta, ainda, que não se trata unicamente de paisagem “natural”, mas de paisagem total integrando, em todas as implicações da ação antrópica.

Desta forma, procurar superar o entendimento da paisagem na visão tradicional, propiciando a procura de leis e fenômenos na análise integrada dos elementos.

Em um enfoque ecológico, o autor coloca que a paisagem pode ser retratada pela vegetação, já que a mesma reativa o meio, ou seja, é mais evidente. Acrescenta ainda, a falta que a inserção da cultura biológica durante a “idade de ouro” da geografia regional francesa.

Apesar do enfoque ecológico, faz distinção entre o ecossistema e o geossistema. Trata o ecossistema como unidade que não tem nem escala nem suporte espacial bem definido, fato este que não vem de encontro ao estudo da paisagem, em que, a noção de escala é inseparável do estudo das paisagens.

Tratando da síntese da paisagem em um contexto taxonômico, Bertrand (1968) argumenta que todas as delimitações geográficas são arbitrárias. As paisagens ditas “físicas” são, com efeito, quase sempre amplamente



remodeladas pela exploração antrópica. Daí a necessidade da divisão em parcelas, territórios, comunidades, quarteirões e “pays”, constituindo, com isso, um dos critérios essenciais da taxonomia das paisagens.

E coloca condições a dominância física a alguns critérios:

1.A delimitação não deve ser nunca considerada um fim em si, mas somente como um meio de aproximação em relação com a realidade geográfica. Em lugar de impor categorias pré-estabelecidas, trata-se de pesquisar as discontinuidades objetivas da paisagem (p.8).

2.É preciso de uma vez por todas renunciar a determinadas unidade sintéticas na base de um compromisso a partir das unidades elementares; seria certamente um mau método querer superpor, seja pelo método cartográfico direto, seja pelo método matemático (sistema de rede), o máximo de unidades elementares para destacar daí uma unidade (média) que exprimiria nenhuma realidade por existir a estrutura dialética das paisagens (p. 9).

3.O sistema taxonômico deve permitir classificar as paisagens em função da escala, isto é, situa-se na dupla perspectiva do tempo e do espaço.... Isto nos leva a dizer que a definição de uma paisagem é função da escala (p.9).

Vale salientar que sua ordem taxonômica pauta-se no relevo e não nas características vegetais as quais foram dados uns maiores enfoques quando no tratamento dado à paisagem.

Para Bertrand (1968), geossistema seria uma homogeneidade fisionômica, uma unidade ecológica e biológica um tipo de evolução. A referida unidade compreenderia alguns quilômetros quadrados, formados por paisagens diferentes que representam diversos estágios da evolução do geossistema. Nessa perspectiva, a estrutura dinâmica do geossistema seria



convertida em uma estrutura estática, a fim de representá-la cartograficamente.

Segundo o autor, a taxonomia do geossistema coloca que o mesmo situa-se entre a 4ª e 5ª grandeza têmporo-espacial. Trata-se, portanto, de uma unidade funcional compreendida entre alguns quilômetros quadrados e algumas centenas de quilômetros quadrados. É nesta faixa que se situa a maior parte dos fenômenos de interferência entre os elementos da paisagem, e que evoluem as combinações dialéticas as mais interessantes para o geógrafo. Em nível superior, só o relevo e o clima importam e, acessoriamente, as grandes massas vegetais. Nos níveis inferiores, os elementos biogeográficos são capazes de mascarar as combinações de conjunto.

Salienta o autor que o geossistema constitui uma boa base para os estudos de organização do espaço porque ele é compatível com a escala humana.

Quadro 1: Classificação da Paisagem (por Bertrand)

UNIDADES DE PAISAGEM	ESCALA TEMPORO-ESPACIAL (A. Clileux, J. Tricart)	EXEMPLO TOMADO NUMA MESMA SÉRIE DE PASIAGENS					
REGIÃO NATURAL	G. III-IV	Picos de Euyropa	Região Estrutural		Andar Série		Quarteirão rural ou urbano



GEÓTOPO	G. VII	Lapies de dissolução com "Aspidium Lonchitis Sw" em microsolo úmido carbonatado e bolsas		Microclima		Biótopo	Parcela (casa em cidade)

NB – As correspondências entre as unidades não muito aproximativas e dadas somente a título de exemplo.

1 – conforme A. Cailleux – J. Tricart e G. Vieers

2 – conforme M. Sorre

Fonte: Geografia Física Glocal (Bertrand, 1968)

Para fins de aplicabilidade em nível teórico, estabelece um padrão
para encaminhamento das pesquisas:

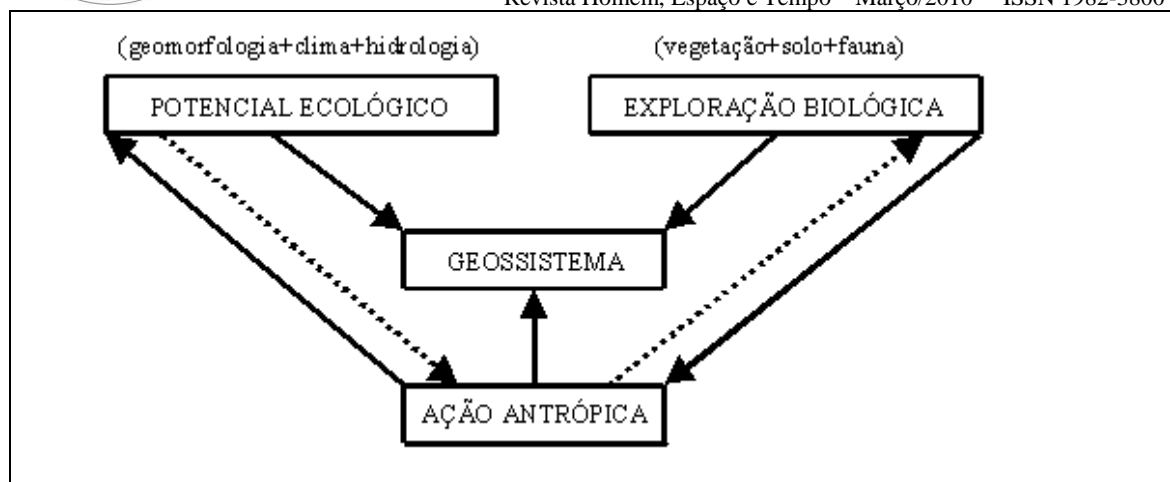


Figura 4: Esboço teórico proposto por Bertrand, em 1968.

Colocada a ordenação das idéias, não se constitui na prática uma aplicação que contemple o entendimento, ou melhor, a falta de materialização. No entanto, deixa claro que o saber da natureza, como o saber sobre a sociedade deve, no contexto da ciência geográfica, pautar-se de um método específico que possa desvendar os fatos que evidenciam a dinâmica da paisagem.

Desta forma, o espírito analítico de Bertrand, busca teoricamente consolidar o conhecimento dos aspectos naturais e dos aspectos sociais, como um corpo único na ciência geográfica.

4. RELEVO COMO ÂNCORA DA PAISAGEM

Estabelecer um roteiro metodológico tendo a paisagem como o ponto de partida e de chegada é correr um risco de enfrentar dificuldades na obtenção dos dados. Isso se deve ao fato de que na efetivação da paisagem enquanto elemento norteador de sua pesquisa é buscar o passado e entendê-la ainda como resultante dos processos atuais. A necessidade do processo



histórico, cujos elementos não são passivos, modifica a paisagem, em seus movimentos e, conseqüentemente, em suas formas.

O segundo ponto é a análise do relevo como elemento integrador da paisagem, seja ela com pouca ou forte influência do homem. É a visão de colocá-lo como o único elemento tido natural, que é abstrato, pelo menos, enquanto matéria. Partindo deste princípio, o relevo é enaltecido enquanto elemento até mesmo sobrenatural, pois se materializa enquanto forma e condiciona ou é condicionado pelos demais elementos, exercendo, assim, fortemente as tomadas de decisões para as ações do homem.

Ressalta-se, ainda, em ter no relevo o elemento que possibilite identificar conexões entre os elementos na constituição da paisagem, não somente medindo ou quantificando o fluxo de matéria e energia, e sim, estabelecendo relações fruto da percepção ou da materialização.

Far-se-á importante o relevo, também enquanto palco das atividades do homem, quaisquer que sejam as atividades, desde a constituição de moradias ou uso e à exploração da Terra. O relevo é o elemento indispensável na constituição das atividades.

Relevo é uma categoria de abstração, porém se materializa como o suporte das atividades das ações humanas. Suas formas influenciam as tomadas das decisões de muitas atividades, sejam na engenharia, nos plantios no espaço rural ou ordenamento do espaço urbano. Materializa-se enquanto algo perceptível, através das montanhas, das feições dunares ou ambientes desérticos.

A verdade é que o relevo não se caracteriza como um recurso natural, como o é o solo, a vegetação, a rocha, a água ou, até mesmo, o clima em seus aspectos do vento, da precipitação. O relevo é simplesmente o não



recurso, não é palpável, mas é visível, não é concreto enquanto material, mas é mais que concreto para tomada de decisões em nível de planejamento, seja na construção de um açude, barragem, instalação portuária, expressões arquitetônicas turísticas, e outros casos.

Por isso, direcionar nossa atenção ao relevo é imprescindível para nossa pesquisa ter a noção de escala.

A questão de escala, nessa perspectiva, é fundamental, já que em uma pequena escala se torna improvável ter uma homogeneidade e em uma grande escala torna-se mais possível encontrar uma semelhança. Assim, a idéia de lugar toma um enfoque de conotação. O lugar refere-se, geralmente, ao local e, este, possibilita efetuar uma conexão mais analítica de seus elementos.

Com isso, o relevo expressa sua incipiência na dinâmica do lugar, com suas diversas expressões e, conseqüentemente, na organização da paisagem. Seja a barlavento ou a sotavento, mesmo que em um pequeno maciço encravado no semi-árido do Nordeste brasileiro suas características peculiares são evidenciadas em função da visualização da paisagem, esta que se mobiliza heteroginadamente em seus aspectos naturais e antrópicos.

Bertrand (1968), quando na apresentação do geossistema já evidenciava uma preocupação especial com o Relevo no contexto da paisagem global.

Somos levados então a procurar os mecanismos gerais da paisagem, em particular no nível dos geossistemas e dos geófaceis. O "sistema de erosão" de A. Chorlley inspirou diretamente esta ordem metodológica. Por que não alargar o



conceito de “sistema de erosão” no conjunto da paisagem?

Passar-se-ia assim de um fato estreitamente geomorfológico à noção mais vasta, mais completa e sobretudo mais geográfica, de “sistema geral de evolução” da paisagem. (p. 17)

É por essa razão que nesta pesquisa, sugerimos ter o relevo como ponto de partida ao entendimento da paisagem, não correndo o risco de dizer que o relevo seria o ponto de partida antes mesmo de se perceber a paisagem como um todo, mas que contribuiria para dimensionar a paisagem para fins analíticos e não, apenas como unidade elementar. Vejamos, em diagrama, o caráter norteador que damos ao relevo.

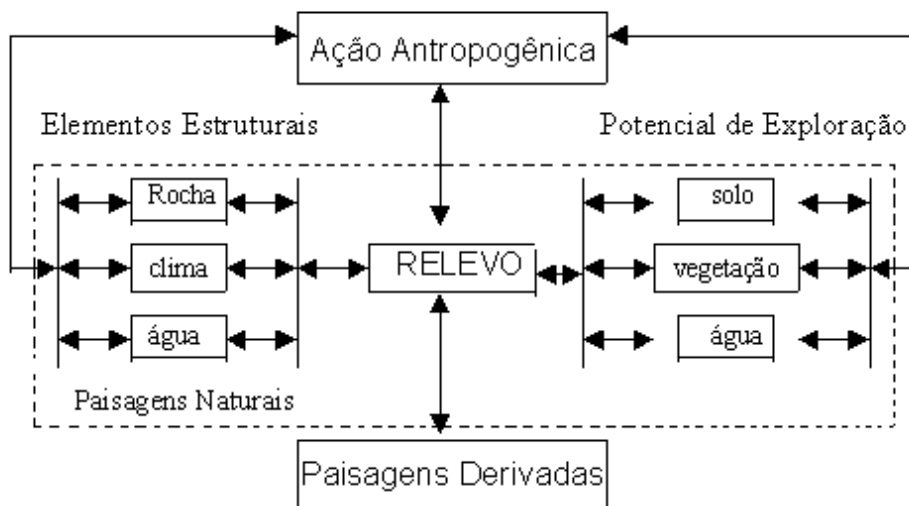


Figura 5: Relevo: palco da paisagem integrada



Através do gráfico acima, pretende-se situar o relevo enquanto elemento norteador das interações dos elementos naturais e das ações antrópicas.

As Paisagens Naturais são tidas, aqui, como os elementos físicos. Optou-se em dimensioná-las em dois enfoques: (a) elementos estruturais e (b) potencial de exploração.

Quando se trata de elementos estruturais (rocha, clima e água), refere-se aos elementos físicos naturais que se configuram como base para outros elementos. Não queremos dizer que os mesmos são ou não independentes dos demais nem tampouco condicionantes. A princípio, podem ser analisados como fatores estruturais e, portanto, alvo de exploração

Já o potencial de exploração (solo, vegetação e água) relaciona-se aos elementos básicos para sustentação do homem, ou seja, o que ele, necessita para sua subsistência.

A ação antropogênica vem sendo a força que exerce uma forte influência no modulado da Paisagem, suas ações são contínuas e expressam-se de forma lenta ou intensa. A ação do homem relaciona-se diretamente com a dimensão que ele tem para com o lugar, com o modo de lhe dá com a Terra, tendo ali sua fonte de sustentação. Com isso, o enfoque cultural que também é abstrato e materializa-se enquanto forma ou resultado de uma ação passa a ser decisivo na constituição das paisagens.

A cultura é abstrata, manifesta-se pelas atividades humanas seja nas danças, nos folclores, no ato de plantar, de relacionar-se com a natureza através das crenças nas plantas, nos animais e no lugar. A cultura aqui é a



mesma de origem germânica, a qual era designada a tratar do homem com a terra, produzindo seu alimento.

Desta forma, trado especificamente do espaço rural, em que se tem no modo de produção agrícola a herança da Paisagem fruto da relação homem com o solo.

Considerando a representação da paisagem através de uma base cartográfica esta que é elemento fundamental da ciência geográfica, seus contornos não são expressões artísticas, e sim, científicas. E as representações das formas quando relacionadas à ação antrópica deve ser diferenciada quando a uma mesma forma resultante de um processo natural. Não se trata de um táxon a mais, e sim, uma representação do táxon, o qual pode ter em Ross (1992) esta representação no 6º táxon, por ele sugerido.

Relevo e cultura, ambos abstratos e decisivos nas constituições das paisagens. Dinâmicos e integradores no espaço geográfico.

Sendo assim, as paisagens se sucedem à medida que o indivíduo atua em sua realidade que o lugar apresenta em sua natureza dos aspectos culturais e econômicos e em sua natureza enquanto elemento físico e biológico.

Referências Bibliográficas

ABREU, A.A. **A Teoria Geomorfológica e sua Definição: Análise Crítica.** Instituto geológico – SMA-SP nº4 – São Paulo, 1993. p. 5-23.

AB'SABER, A. N. Um Conceito de Geomorfologia a Serviço das Pesquisas sobre o Quaternário: in **Geomorfologia.** São Paulo. IGEOG-USP, n. 18. 1969.



BERTRAND, G. *Paysage et Geographi Globale: Esquisse Methodologique*
Revue Geographique de Pyinées et du Sud-Quest- 1968.

CORRÊA, R. L. Car Sauer e a Geografia Cultural. **Rev. Bras. Geografia**. Rio de Janeiro, 1989. p.113-132.

CRUZ, O. A Geografia Física, o Geossistema e os Estudos dos Processos Geomórficos. In: **Seminário sobre Geografia Física Aplicada**. Rio Claro, 1985.

DAVIS, W.M. The Geographical Cycle. **Geogr. Journ. London**, 1899. p. 481-504.

DEMEK, J. Generalization of Geomorphological Maps in Progree Made in **Geomorfophological Mapping-Brno: 36-72**. 1967.

DEUPOUX, M. Ecosistema e Paisagem in: **Métodos em Questão nº IGEOG-UIISP_1974**

FALCÃO SOBRINHO, J. **Relevo e Paisagem – Proposta Medodológica**. Ed. Sobral. Sobral. 2007.

HARSTSHORNE, R. **Questões sobre a Natureza da Geografia**. Instituto Panamericano de Geografia e História, nº 327. Rio de Janeiro, 1969.

JARDÍ, M. **Paisaje: uma síntesis geográfica?** Revista da Geografia. Vol. XXIV. Barcelona, 1990.

MECERJAKOV, J.P. Les Concepts de Morphostruture et de Morphosculture: un nouvel instrumnt de l’analys geomorphologique. Paris. **Annales de Geographie** 77 annéeno. 1968. 539-532.



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ
Centro de Ciências Humanas

Revista Homem, Espaço e Tempo Março/2010 ISSN 1982-3800

MENDONÇA, F. **Geografia Física: Ciência Humana**. São Paulo: Contexto. 1991.

MORAES, A. C. R. **Geografia: Pequena História Crítica**. São Paulo: Hucitec. 1985.

PASSARGE, S. Physiologische Morphologie. Metteil. **Geog. Gesellsch.** Flamburg, 1912.

RIBEIRO, A.G. **Geografia, seu Objeto e Meio Ambiente**. São Paulo: USP/IG. 1974.

RIBEIRO, A.R. **Paisagem e Organização Espacial na Região de Palmas e Guarapuava**. Tese de Doutorado/USP. São Paulo, 1989.

ROSS, J.L.S. **Geomorfologia, Ambiente e Planejamento**. Contexto. São Paulo, 1991.

ROUGEIRE, G. **Geografia das Paisagens**. São Paulo: Difusão Européia do Livro. 1971.

ROUGEIRE, G. & BEROUTCHACHVILI. N. **Geosystemes et Paysages: Bilan et Méthodos**. Paris: Armand Colin Éditeur. 1991.

SAUER, C.O. A Morfologia da Paisagem. 1925. In. ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R.L. **Paisagem, Tempo e Cultura**. Ed. UERJ. Rio de Janeiro 1988. p. 12-74.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço e Tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. Hucitec, São Paulo, 1994.



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ
Centro de Ciências Humanas

Revista Homem, Espaço e Tempo Março/2010 ISSN 1982-3800

SILVA, A.C. **O Espaço Fora do Lugar**. Hucitec. São Paulo, 1988.

TRICART, J. Paisagem e Ecologia. In: **Interfaces**. N. 76. IBILCE-UNESP. São Paulo, 1981. 56p.

TROLL. C. **Die Geografische Landschaft und ihre schung**. Berlin, 1950.

KLINK, H. J. Geocologia e Regional. in: **Biogeografoa** – 17 IEOG-USP-São Paulo. 1974.